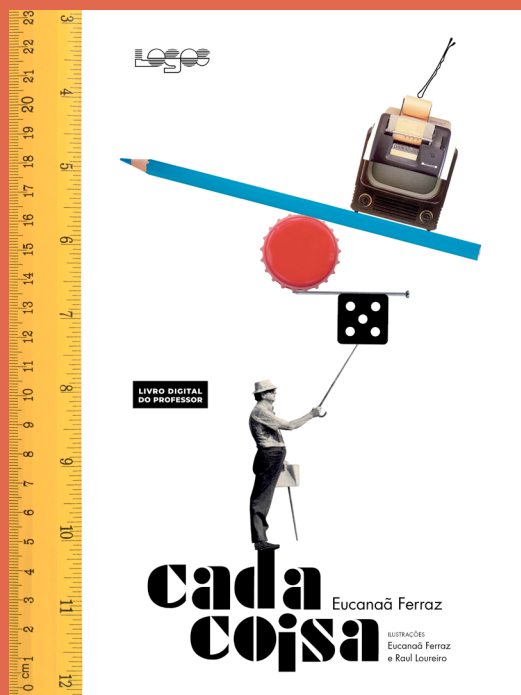


# Material de apoio ao professor



## LIVRO

*Cada coisa*

## AUTOR

Eucanaã Ferraz

## ILUSTRADORES

Eucanaã Ferraz e Raul Loureiro

## CATEGORIA 1

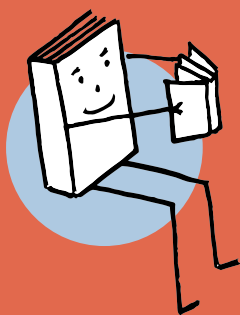
Obras literárias do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

## TEMAS

Família, amigos e escola  
O mundo natural e social

## GÊNERO LITERÁRIO

Poesia



## AUTORIA

Cristiane Tavares  
Especialista da Comunidade Educativa  
CEDAC

## COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca  
Coordenadora da Comunidade Educativa  
CEDAC



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto

Renata Lopes Del Nero

*Espera-se que as marcas, apesar de sugerirem uma aparente propaganda, sejam interpretadas a partir do contexto e do gênero textual em que se encontram. Tomamos como orientação o parecer CNE/CEB n. 15/2000, entendendo, no caso, o livro literário como parte do Programa Nacional do Livro Didático e objeto de mediação no espaço escolar: “o uso didático de imagens comerciais identificadas pode ser pertinente desde que faça parte de um contexto pedagógico mais amplo, conducente à apropriação crítica das múltiplas formas de linguagens presentes em nossa sociedade, submetido às determinações gerais da legislação nacional e às específicas da educação brasileira, com comparecimento módico e variado”.*

# Sumário

Carta ao professor .....	4
Estrutura do material de apoio .....	5
Contextualização .....	5
A obra, o autor e os ilustradores .....	7
Gênero e estilo .....	13
Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental .....	14
Conversas em torno da leitura dessa obra .....	16
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa .....	18
Atividade 1: Ler, simultaneamente, o texto e a imagem .....	19
Pré-leitura .....	19
Leitura .....	19
Pós-leitura .....	20
Atividade 2: Leitura em voz alta, com trilha sonora e/ou projeção de imagens .....	21
Pré-leitura .....	21
Leitura .....	21
Pós-leitura .....	22
Atividade 3: Criação de um inventário de coisas úteis à poesia (oficina de escrita poética) .....	22
Pré-leitura e pré-escrita .....	22
Leitura e escrita .....	23
Pós-leitura e pós-escrita .....	24
Possibilidades interdisciplinares .....	25
Bibliografia comentada .....	26

## Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

## ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Cada coisa*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, o autor, os ilustradores, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Já parou para pensar que talvez a poesia possa ser definida como uma espécie de “pedagogia do olhar”? Uma forma de reeducar o olhar para a realidade que vivemos, em busca de uma percepção mais poética da vida? É assim que o autor de *Cada coisa*, **Eucanaã Ferraz**, define seu objetivo ao escrever os poemas que compõem o livro: “Não quero ensinar bons modos. Não quero ser didático. Neste livro, sigo para uma espécie de pedagogia do olhar. Seus poemas fazem ver, põem ‘entre

parênteses' as coisas cotidianas e, é claro, a própria linguagem, a escrita, as palavras” (EUCANAÃ FERRAZ, 2016).

Como pode um poema “fazer ver” ou pôr “entre parênteses” as coisas cotidianas? Como já disse Mario Quintana em um de seus versos, muitas vezes não damos às coisas a chance do “segundo olhar”, que nos faz perceber o que a visão automatizada do dia a dia costuma desconsiderar. Em *Cada coisa*, como o próprio título indica, os poemas reapresentam objetos cotidianos, cada um sob uma ótica distinta daquela que costumamos lhes atribuir no corre-corre da vida diária. Por exemplo, em “Clipe” (p. 40), esse objeto tão usado por professores e estudantes apresenta-se para além de sua função de pregar uma coisa à outra:

### **Clipe**

*É só isso: pura linha.*

*É supersimples o clipe.  
E, sendo simples, é super:*

*o fio avança  
numa linha reta*

*que, discreta, desenha  
uma seta dentro*

*de outra seta e, de repente,  
para.*

*O clipe não é como  
o símbolo do infinito:*

*aquele oito deitado, sem fim  
e sem início.*

*A linha do clipe, ao contrário,  
começa e termina.*

*O clipe podia ser o símbolo  
do finito.*

*(do finito belo  
e prático.)*

O poema nos faz ver o clipe de outra maneira, volta nosso olhar para a forma do objeto — seu desenho se assemelha a uma seta dentro da outra —, além de relacioná-lo, de modo inusitado, ao símbolo do infinito (o “oito deitado”), também composto de uma única linha. Essa apresentação da coisa em si, transformando-a num símbolo, mais do que em objeto útil, é o exercício do “segundo olhar”, proposto por Quintana e tão bem aceito por Eucanaã Ferraz, ao compor os textos que integram *Cada coisa*.

## A OBRA, O AUTOR E OS ILUSTRADORES

Assim como o clipe, muitos outros objetos agrupados em ordem alfabética são reapresentados ao leitor nos poemas. Há coisas de todo tipo, desde objetos do cotidiano escolar — como o próprio clipe, a caneta, o lápis, o caderno, o livro, a borracha, a régua — até utensílios domésticos, como o bule, a faca, a moringa, o martelo, a vassoura, a xícara. Não ficam de fora desse inventário particular objetos de uso pessoal, como o anel, o brinco, o canivete, a joia, o grampo de cabelo, o relógio, o sapato e os óculos, nem os brinquedos que acompanham várias gerações, como a bola, o dado e o papagaio de papel.

O que pode gerar estranhamento no leitor, já na leitura do sumário, é que alguns títulos não nomeiam objetos específicos, como: “Certas coisas”, “Coisando”, “Coisa certa”, “Coisas novas”, “Mil coisas” e “Quase-coisa”. São títulos que já indicam a licença poética ou a liberdade de inserir, em meio ao inventário de coisas materiais, coisas de outra natureza, mais abstratas ou mesmo metalinguísticas, como indica o próprio autor ao afirmar em entrevista que os poemas “fazem ver a própria linguagem, a escrita, as palavras” (EUCANAÃ FERRAZ, 2016).

Essa breve tentativa de agrupar os poemas do livro a partir de certa semelhança ou pertinência a um campo semântico específico nos ajuda a ver os temas que prevalecem na obra: **família, amigos e escola; o mundo natural e social**. Em diálogo com estes, pode-se incluir o Tema Contemporâneo Transversal (TCT) **ciência e tecnologia**.

Em vários dos objetos apresentados nos poemas, o espaço predominante se relaciona ao universo das relações pessoais que se passam em instituições como es-

cola e família, nos quais se tecem relações de afeto, como a amizade. Os versos do poema “Fotografia” (p. 58) explicitam bem esse ambiente da intimidade particular habitado por coisas de toda sorte, como os retratos antigos que revelam a passagem do tempo e as marcas de identidade:

### **Fotografia**

*Não sei quem eu era  
quando era menino.*

*Procuro no tempo,  
procuro no espelho.*

*Retratos me dizem  
que eu era franzino.*

*Eu era de vidro  
mas não me quebrei.*

*Os astros disseram  
que eu era taurino.*

*Estrelas, planetas,  
que sabem de mim?*

*Daquele garoto  
eu sou seu destino.*

*Foi tudo tão rápido!  
Foi tão repentino!*

*Não sei quem eu era.  
Talvez fosse eu.*

No caso do segundo tema, **o mundo natural e social**, há vários poemas que versam sobre a dicotomia entre as matérias-primas naturais e sua transformação



em objetos industrializados, criados a partir do uso da **ciência e da tecnologia**, que circulam socialmente por meio da publicidade e do consumo. Dois deles, em especial, trazem as invenções como tema subjacente, informando não apenas a utilidade da coisa, mas também quem foi seu inventor. É o caso de “Canudo” (p. 33) e “Lata de sardinhas” (p. 75). Este último ainda ironiza o processo de industrialização:

### **Lata de sardinhas**

*Sardinhas não nascem nas latas.  
As latas não nasceram sozinhas.*

*Um homem chamado George,  
No século dezenove,  
Um dia inventou a lata  
— prática, boa, barata —  
e fez a nossa alegria,  
para o azar das sardinhas.*

Há outros textos que exploram mais liricamente o uso dos recursos naturais ou sua reprodutibilidade em inventos úteis ao homem, como é o caso do poema “Lâmpada” (p. 71):

### **Lâmpada**

*Parece um pedaço de fogo  
fechado numa garrafa.*

*A garrafa não se abre  
mas o fogo se derrama*

*como a luz de um sol estranho:*

*sol que no dia se apaga,  
sol que na noite se alastra.*

Além de uma espécie de inventário de objetos particulares, há na organização do livro algo de “museográfico”, como explica o autor, Eucanaã Ferraz, em entrevista:

Não deixei de lado minhas vivências para me adaptar aos leitores (às “crianças” de hoje). Nenhum poeta faz isso quando escreve para adultos. Por que eu teria de fazê-lo para criar um mundo de total reconhecimento? Escrevi sobre o *lápiz*, por exemplo, tratando-o como uma alta tecnologia. Preferi fazer um curto-circuito nos tempos passado e presente e num hipotético futuro. Há algo museográfico no livro, sem dúvida. Sua estrutura — em ordem alfabética, com os títulos quase sempre limitados a nomear a coisa-objeto — é um exercício de aproximação com as enciclopédias. E, a seu modo, faz uma atualização de imagens que eram modernas ainda ontem e que agora, sim, parecem datadas, remetendo às formas engendradas nas décadas iniciais do século XX, expandindo-se aos anos 1960 e 1970, por exemplo (EUCANAÃ FERRAZ, 2016).

Ao afirmar a intenção de fundir passado, presente e futuro na seleção dos objetos que compõem seu inventário particular, o autor faz referência à própria infância, que aconteceu nas décadas de 1960 e 1970. Nascido em 18 de maio de 1961, no Rio de Janeiro, Eucanaã Ferraz graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e seguiu com os estudos na pós-graduação, dedicando-se à obra de dois grandes escritores brasileiros por quem nutre muita admiração: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

Sua primeira obra, *Livro primeiro*, foi publicada em 1990 e seu primeiro título infantil foi *Poemas da Iara*, lançado em 2008. Depois disso, publicou outros livros para este mesmo público, alguns deles premiados.

Eucanaã é poeta, professor, ensaísta, escreve poesia para adultos e livros de crítica literária, além de atuar como curador em exposições relacionadas à literatura. Dentre seus livros publicados para o público adulto, destacam-se *Desassombro* (2002, prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional), *Rua do mundo* (2004), *Cinematoca* (2008, prêmio Jabuti), *Sentimental* (2012, prêmio Portugal Telecom de Poesia), *Escuta* (2015), *Trenitalia* (2016) e *Retratos com erro* (2019).

No site de Eucanaã Ferraz (<https://bit.ly/EucanaaFerraz>, acesso em: 9 ago. 2022) há mais informações sobre a vida e a obra do autor, além de fotos e vídeos. Para começar sua apreciação, sugerimos o vídeo *Autobiografia*, no qual o poeta lê trechos de seu poema, de mesmo título, publicado em *Retratos com erro* (2019).

- **Autobiografia**. Brasil, 2019. 2min54s. Disponível em: <https://bit.ly/AutobiografiaEucanaa>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Dentre os versos de Eucanaã, destacamos estes, do poema “Autobiografia”, também disponível no site do autor, que parecem dialogar muito bem com uma das intenções reveladas pelo poeta, ao escrever *Cada coisa* — a fusão entre os tempos passado, presente e futuro:

*O tempo começa a ser contado em sua garganta  
formam-se anéis entre sua biologia  
e tudo o que vive fora dela. [...]  
Deixou a casa da infância para ir ao deserto  
dançou na direção dos grandes pátios  
mas o pó dos labirintos insistia nos sapatos  
e seus cabelos pesavam cobertos de antepassados.*

Eucanaã compôs as ilustrações que acompanham os poemas com **Raul Loureiro**, designer gráfico paulista que já havia trabalhado no projeto gráfico de outros livros do poeta. O processo conjunto de criação durou cerca de um ano e a junção de várias técnicas resultou em uma diversidade de imagens que cumprem distintas finalidades no livro:

As imagens funcionam de diversos modos. As ilustrações — quase sempre colagens ou arranjos — não se limitam a ornamentar a página, como se a criança precisasse delas para entender os poemas. As imagens comentam livremente os poemas; outras vezes funcionam em si mesmas, como um texto independente, voltado para a mesma coisa/objeto; também há casos em que a diagramação é a própria ilustração (EUCANAÃ FERRAZ, 2016).

As imagens intensificam a percepção poética dos objetos apresentados, muitas vezes criando narrativas paralelas que ocupam páginas duplas do livro. É o caso do poema “Alfinete” (p. 10) e da ilustração ao lado dele. Na imagem, o alfinete está espetado em uma circunferência enorme, que pode ser um balão ou uma bexiga prestes a estourar, ocupando duas páginas; no canto da página da direita (p. 11), vemos a foto de uma criança tampando os ouvidos com as mãos, como que se protegendo do ruído que o provável estouro provocará. Nada disso, no entanto, é mencionado no poema, que se resume a dois versos: “Pense o pequeno e não se perca:/ alfinete de cabeça” (p. 10).

A disposição dos poemas que fazem par nas páginas também é, muitas vezes, uma maneira de colocar os textos e as imagens em diálogo e relação. É o que se pode observar nos poemas “Caderno” (p. 30) e “Caneta” (p. 31), que aparecem lado a lado, com a caneta em colagem gigante, atravessando as duas páginas.

*Cada coisa* proporciona, portanto, experiências de leitura verbal e não verbal, simultaneamente, e há uma atenção especial à materialidade do próprio livro, à disposição de textos e imagens nas páginas. “Livro” (p. 76-77), objeto reverenciado em um dos poemas, faz jus à obra que o leitor tem em mãos:

*Viva as grandes obras!  
Viva os grandes livros!*

[...]

*Viva! Viva! Viva!*

*As capas,  
as lombadas,  
os formatos,  
as cores,  
as ilustrações,  
o cheiro,  
viva!*

*Viva  
em todas as línguas,  
em todos os olhos!*

## GÊNERO E ESTILO

Em entrevista, Eucanaã Ferraz conta que “sempre quis ser alguém capaz de *criar coisas*” (ENTREVISTA, 2010). Afirma ter consciência, desde muito cedo, de que podia criar coisas. Inicialmente, gostaria de pintar como Matisse, artista que admira, depois pensou ter talento para ser ator, até que percebeu que seu temperamento favorecia mais a escrita e, em especial, a poesia: sentar-se diante da folha em branco e criar. Ele segue refletindo sobre seu processo de criação, em comparação com os que escrevem em prosa: “o poeta não cria personagens, acho que é porque já tem excesso de companhia”. Nessa entrevista, encontramos nas palavras do autor caminhos que ajudam a definir o próprio gênero literário **poesia**. O poeta cria com palavras — e a linguagem, em si, é sua matéria-prima. O poema é “linguagem condensada em seu mais alto grau”, conforme definição de Ezra Pound (2009, p. 40).

É possível definirmos poesia em contraposição à prosa, por exemplo, ainda que existam prosas poéticas e poemas narrativos. Em linhas gerais, há uma distinção entre uma e outra, já que os textos em prosa reúnem as várias formas narrativas que contém narrador, tempo, espaço, personagem e enredo. No caso do poema, “texto escrito onde se ergue a poesia”, conforme nos ensina Octavio Paz (2012, p. 43), não há narrador, mas sim eu lírico; o tempo e o espaço se fundem no ritmo e na sonoridade do texto; personagens e enredo são substituídos por imagens e figuras de linguagem.

Em *Cada coisa*, a poesia se ergue texto a texto, ao reapresentar ao leitor objetos cotidianos sob novo prisma. Como lemos nos versos de “Coisando” (p. 43), “as coisas fazem cócegas nos nossos olhos!”. Provocar estranhamento no leitor é também uma das artes da poesia e pode acontecer a partir de diferentes recursos linguísticos, como inversões e repetições, muito presentes em *Cada coisa*.

O poema “Coisas novas” (p. 45), por exemplo, é construído com base em inversões que geram novos objetos, apresentados numa mesma estrofe, surpreendendo o leitor: “A máquina de balanço,/ a cadeira de lavar louça”, “o aparador de louça,/ o escorredor de grama”. No poema “Espelho” (p. 52), a inversão é visual e não semântica: o texto é espelhado, sua imagem repetida lado a lado na página, em menção direta aos versos: “E se nos vemos no espelho/ já não somos nós — é a imagem!”. Uma inversão que pode passar despercebida ao leitor menos atento encontra-se no poema “Tesoura” (p. 113): “No meu dicionário (dicionário só meu)/ tesoura é feminino de tesouro”. Ao flexionar o gênero do substantivo “tesouro” usando para isso uma palavra com outro significado, “tesoura”, inverte-se a própria ideia gramatical de flexão de gênero, o que também é permitido na criação poética.

As repetições estão muito presentes em vários poemas, provocando efeitos distintos. Em “Bicicleta” (p. 19), por exemplo, a repetição da palavra “bicicleta” reitera uma tentativa de definição poética para responder à pergunta presente já no primeiro verso: “A bicicleta é sempre feliz?”. Pergunta poética que parte da personificação gerando um estranhamento logo de cara. Já em “Bola” (p. 21) e “Caderno” (p. 30), a repetição da construção “bola de” e “caderno de” no início dos versos anuncia o predomínio de uma abordagem utilitária dos objetos que é subvertida nas estrofes finais: “de cristal/ de sabão/ Lua cheia” e “Caderno de quê para poemas?/ Caderno de areia, de água.”

É no poema “Fósforos” (p. 61) que o recurso da repetição atinge seu grau máximo de significação. O verso “outro palito de fósforo” se repete 38 vezes, diferenciando-se apenas dos primeiro e último versos — “Um palito de fósforo” e “quarenta palitos — uma caixa de”, que, unidos aos 38 versos iguais, compõem quarenta versos, a quantidade de palitos na caixa de fósforos. O poema se transforma, assim, em uma caixa de fósforos escrita, uma caixa de palavras-fósforo. Quando lido visualmente, o poema equivale-se ao desenho que o acompanha, com a imagem de 40 palitos de fósforos dispostos verticalmente, ocupando o mesmo espaço do texto na página ao lado. A ilustração também faz citação ao rótulo de uma caixa de fósforos (da marca Fiat Lux Pinheiro). Há um deslocamento da linguagem publicitária para a criação de um novo objeto que deixa de ser um produto para se tornar poético.

A repetição funciona, neste poema, como apropriação da forma e tentativa de tornar a palavra “a coisa em si”. Talvez isso resuma o desejo mencionado por Eucanaã Ferraz em uma entrevista: o poeta deseja criar coisas novas e o faz com palavras. Para Décio Pignatari (2004, p. 11): “o poema é um ser de linguagem. O poeta faz linguagem, fazendo poema. Está sempre criando e recriando o mundo”.

## Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

A junção das linguagens verbal e não verbal em *Cada coisa*, somada ao cuidado do projeto gráfico, que compõe um diálogo poético e complementar entre textos e imagens, permite ao jovem leitor das séries finais do Ensino Fundamental uma experiência estética potente, provocativa e desafiadora em relação às percepções mais automatizadas que permeiam o cotidiano. O modo artístico e singular como

essas linguagens conversam no livro contribui para o desenvolvimento da terceira competência geral da Educação Básica\*, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que diz respeito à fruição estética proporcionada pela leitura literária.

A forte presença do recurso metalinguístico no estilo poético do autor confere um *status* privilegiado à linguagem e a suas possibilidades semânticas, permitindo compreendê-la como construção e expressão humanas e favorecendo o desenvolvimento da primeira competência específica de Linguagens\*\* para o Ensino Fundamental, entre outras.

Além disso, o conjunto dos poemas dessa obra configura um pequeno inventário de objetos cotidianos muito peculiar, que estimula o processo criativo dos jovens leitores, no trato com a palavra poética e mesmo na revisitação de utensílios e itens diversos que fazem parte da vida escolar, familiar e das relações pessoais. São muitos os convites de apreciação e criação feitos a partir da leitura dos poemas, e para que os estudantes possam percebê-los, decidindo quais vão aceitar ou não, é importante o acompanhamento do professor como mediador de leitura.

A função de mediador de leitura exercida pelos professores diante de livros literários de poesia desempenha-se melhor quando entendida também poeticamente: *ler com* os estudantes, mais do que *ler para* eles; ler livremente, sem amarras com demandas didáticas de outra ordem e ler comprometendo-se com a atenção à linguagem.

Nessa perspectiva, o professor atua também como referência de leitor aos estudantes, compartilhando e ensinando comportamentos leitores, como sugere Delia Lerner (2002, p. 63):

Os comportamentos do leitor e do escritor são conteúdos — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro, como praticantes da leitura e da escrita.

\* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 9).

\*\* 1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (BRASIL, 2018, p. 65).

## Conversas em torno da leitura dessa obra

Segundo Cecilia Bajour (2012, p. 23), “conversar sobre os livros é voltar a lê-los”. No caso do livro *Cada coisa*, a conversa recai, simultaneamente, sobre as duas linguagens em diálogo intrínseco — a verbal e a não verbal. Ler os poemas e as imagens que os acompanham, ler a disposição de ambos nas páginas, ler a tipologia e a organização dos elementos no projeto gráfico, tudo isso se faz necessário para uma boa percepção estética da obra.

Algumas armadilhas podem ser evitadas para favorecer a conversa apreciativa em torno da linguagem poética e dos efeitos produzidos nos jovens leitores. A pergunta “do que trata o poema?”, por exemplo, não faz muito sentido, uma vez que, em poesia, forma e conteúdo são indissociáveis. E nesses poemas, em especial, a coisa, ou os objetos reapresentados no título, quase nunca se reduzem a temas. Vale também evitar a abordagem restritiva decorrente de questionamentos exclusivamente formalistas, ou seja, concentrados na análise dos recursos linguísticos isolados do contexto. Por fim, ainda que se trate de um inventário singular, cuja organização em muito se aproxima de dicionários ou enciclopédias, não se pode perder de vista que se trata de poemas, mais do que de verbetes ou definições propriamente ditas. Isso libera o leitor das compreensões literais e exige uma relação mais subjetiva com o texto, pautada tanto no repertório leitor de cada um como em suas vivências pessoais.

Como leitor mais experiente, o professor também pode manifestar as próprias percepções sobre os textos, disparando provocações que convidem os estudantes a fazer o mesmo e evitando questionamentos que induzam a uma resposta única. Ao contrário, recomenda-se que se favoreçam e estimulem a escuta e a alternância da fala, abrindo discussões que despertem o debate crítico. As conversas podem funcionar, então, como momentos de apreciação coletiva, com voltas compartilhadas ao texto para dele extrair novas percepções, conforme explica Bajour (2012, p. 60):

A predisposição à surpresa por parte do mediador é por si mesmo uma postura metodológica e ideológica em toda conversa sobre livros, dado que supõe partir do princípio de que as significações ou as maneiras de penetrar nos textos não estão dadas de antemão, ou de que não existe alguém, nesse caso o docente, que tenha a chave da verdade.



Há muitas formas possíveis de iniciar conversas apreciativas sobre *Cada coisa*, a começar pela própria organização dos poemas, em ordem alfabética, como se observa desde a leitura do sumário. Conversar sobre outros suportes que trazem essa mesma lógica estrutural (como dicionários, enciclopédias e agendas telefônicas) e sobre uma possível relação entre um inventário pessoal de objetos e as informações presentes nesses outros suportes também pode ser uma maneira de aproximar os estudantes das diferentes finalidades de escrita que, no caso desse livro em especial, são exclusivamente poéticas.

A leitura em voz alta dos poemas pelos estudantes, em situações previamente planejadas, como saraus ou rodas de leitura, envolvendo outras turmas da escola, pode desenvolver importantes habilidades. Alguns exemplos: perceber elementos como ritmo, sonoridade e musicalidade dos textos, valorizando-os no momento da leitura em voz alta; relacionar a entonação aos sentidos expressos no poema; realizar comentários apreciativos e afetivos ao desfrutar a leitura em voz alta realizada pelos colegas; negociar opiniões e percepções sobre o texto, ao fazer leituras em duplas ou trios, entre outras.

Essas são situações previstas na BNCC, sobretudo na habilidade EF69LP46\*, que destaca a importância de os estudantes participarem de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias, e na EF69LP53\*\*, que valoriza a

\* (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts* em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 157).

\*\* (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/recon-

leitura em voz alta de textos literários, empregando diversos recursos para os efeitos de sentido pretendidos.

A escrita de textos poéticos inspirados em Eucanaã bem como a criação de outras imagens que possam acompanhá-los podem ser propostas realizadas após as conversas apreciativas. Propor a escrita de poemas requer cuidados específicos que ofereçam aos estudantes referências de linguagem poética para se expressarem, e *Cada coisa*, com seus variados tipos de poema, contribui para uma proposta assim. Podem-se priorizar, por exemplo, os poemas com forma fixa, com repetições contínuas no início dos versos, ou mesmo os que têm apenas um verso e se aproximam de gêneros como as adivinhas, apresentadas sob forma poética.

## Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

Nas atividades aqui sugeridas, serão mobilizados comportamentos leitores próprios de praticantes da leitura e da escrita, como apropriar-se de elementos fundantes da linguagem poética (ritmo, imagem, sonoridade), observando os recursos linguísticos do estilo do autor (repetições e inversões) e refletindo metalinguisticamente sobre os textos.

Além disso, as atividades foram pensadas considerando-se uma característica específica do livro: a relação entre texto, imagem e projeto gráfico. Desse modo, há propostas que se estruturam a partir da leitura simultânea dos poemas e das respectivas ilustrações, com especial atenção para a diagramação de ambos nas páginas duplas.

---

to, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (BRASIL, 2018, p. 161).

## ATIVIDADE 1: LER, SIMULTANEAMENTE, O TEXTO E A IMAGEM

### PRÉ-LEITURA

É sempre recomendável que a primeira leitura dos poemas seja mais livre, para que os estudantes ingressem na obra a partir de suas referências e experiências pessoais. Propor que leiam e comentem suas impressões em pequenos grupos pode ser um bom jeito de dar início à conversa coletiva, com foco nos textos e nas imagens.

O professor pode orientar os grupos a destacarem, nessa primeira leitura, quais imagens chamam a atenção por exercerem uma função complementar ao texto, ou mesmo por criarem novas leituras potenciais de cada objeto/coisa. Uma boa pergunta norteadora nesse momento pode ser: Quais imagens mudam nosso jeito de ler os poemas? Por quê? As discussões daí decorrentes serão propícias para o desenvolvimento de habilidades como a EF69LP48\*, que prevê especificamente a leitura e interpretação de poemas considerando os aspectos gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel) e as relações entre imagens e texto verbal, e a EF69AR03\*\*, que, embora seja uma habilidade específica de Arte, considera o livro literário com suas características e materialidades.

Cada grupo seleciona os poemas que melhor respondem às perguntas propostas e elege uma pessoa para, posteriormente, compartilhar a discussão com a turma toda. É importante que o professor oriente os grupos a preparem essa apresentação coletiva, organizando uma explicação sobre a escolha. Pode ser que mais de um grupo escolha o mesmo poema, o que não será um problema, uma vez que, certamente, as explicações e justificativas não serão idênticas.

### LEITURA

Em um segundo momento, os grupos apresentam coletivamente suas escolhas, lendo os poemas selecionados e mostrando as imagens correspondentes. A turma pode acompanhar a leitura, cada estudante com seu exemplar em mãos, observando os

\* (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2018, p.159).

\*\* (EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc. (BRASIL, 2018, p. 207).

aspectos destacados pelo grupo. Ao término de cada apresentação, pode-se abrir um espaço para comentários e perguntas dos demais colegas, promovendo uma interação e convocando todos a participarem.

O professor também pode tecer comentários sobre os poemas selecionados, chamando a atenção para aspectos que não tenham sido notados pelos estudantes. É importante que se prepare, ainda, uma leitura coletiva para analisar a relação entre texto e imagem de ao menos um poema que não tenha sido escolhido por nenhum grupo. Por apresentarem uma relação complementar entre texto e imagem, são recomendados os seguintes poemas: “Alfinete” (p. 10), “Bola” (p. 21), “Clipe” (p. 40), “Espelho” (p. 52), “Faca” (p. 54), “Fósforos” (p. 61) e “Gaiola” (p. 63).

## **PÓS-LEITURA**

Após a apresentação dos grupos e a análise coletiva, pode-se fazer uma sistematização para registrar as formas como texto e imagem se relacionam no livro. Para isso, seria interessante propor uma última leitura de cada um dos poemas selecionados. Sugere-se fazer uma pausa a cada poema para compor um texto com a turma, no qual se nomeie essa relação do modo mais compreensível aos estudantes.

As formas de registro podem variar de turma para turma e é imprescindível que se usem termos e nomenclaturas eleitos pelos estudantes. Por exemplo: “imagem complementa o poema criando uma história paralela” (alfinete); “imagem do texto na página desenha o próprio objeto” (faca); “o objeto compõe as letras no título do poema” (botão).

Esse registro poderá ser retomado na proposta de atividade interdisciplinar com o componente curricular Arte, na qual os estudantes serão convidados a criar novas colagens para alguns poemas, considerando as formas possíveis de relacionar o texto com a imagem a ser criada. Essa proposta de atividade contempla habilidades como a EF69AR06\*, ainda que também seja uma habilidade de Arte.

\* (EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais (BRASIL, 2018, p. 207).

## ATIVIDADE 2: LEITURA EM VOZ ALTA, COM TRILHA SONORA E/OU PROJEÇÃO DE IMAGENS

### PRÉ-LEITURA

No vídeo “Coisando”, título de um dos poemas do livro, Eucanaã Ferraz fala sobre poesia e poemas e vai desfilando, numa narrativa poética, o inventário de coisas que aparecem nos textos, tais como bicicleta, bola, botão, brinco. O vídeo foi filmado numa antiga fábrica, no Rio de Janeiro, e faz parte de uma série intitulada Prisma Literário, com sete episódios sobre literatura contemporânea, em que escritores finalistas e vencedores do prêmio Oceanos falam sobre suas poéticas (COISANDO, s. d.).

Uma sugestão, se houver recursos disponíveis na escola, é assistir aos sete primeiros minutos do vídeo com os estudantes, durante os quais Eucanaã explica o que é um poema e quais são suas características, ao mesmo tempo que objetos de seu inventário em *Cada coisa* vão aparecendo em cenas filmadas entre ele e um menino. Alguns poemas são lidos integralmente pelo autor, como: “Clipe”, “Chapéu” e “Coisando”.

O vídeo pode servir como inspiração para pensar cenários, imagens e trilhas sonoras instrumentais que acompanhem a leitura em voz alta dos poemas, a ser apresentada para um grupo específico de estudantes de outra turma ou para o conjunto de familiares ou funcionários da escola, a depender da escolha feita em conjunto com o professor.

### LEITURA

Para essa atividade, pode ser adequado organizar a turma em duplas, que realizarão a leitura dos poemas em voz alta e em parceria. Cada dupla pode escolher um ou dois textos que gostaria de ensaiar para apresentar ao público escolhido. Os ensaios podem prever marcações nos textos, definindo-se em que momentos serão feitas pausas, mudança no volume da voz, expressões ou gestos, entonações específicas. A atenção a tais aspectos está prevista, por exemplo, na habilidade EF69LP54\*, que

\* (EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopéias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes

prevê a análise nos efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos. Podem-se prever momentos em que uma dupla apresente a leitura a outra dupla, de modo que os estudantes troquem sugestões sobre como melhorar a leitura uns dos outros.

Um segundo momento pode ser dedicado à escolha das imagens e/ou trilhas sonoras instrumentais que acompanharão as leituras, a partir do que tiver sido discutido durante a apreciação do vídeo *Coisando*. Uma parte dessa produção pode ser feita em parceria com professores de outras áreas, como sugerido adiante, nas propostas interdisciplinares.

Também é importante pensar na preparação do ambiente onde os poemas serão declamados, a fim de acolher o público ouvinte, acomodando a todos de forma confortável. Uma alternativa à apresentação presencial das leituras é a gravação de pequenos vídeos ou áudios e a apresentação em formato de *podcast* ou vídeo-poema, a depender dos recursos e do tempo disponível.

## PÓS-LEITURA

Se for possível, seria interessante filmar a apresentação para que os estudantes se vejam depois. Caso se tenha optado pelo *podcast* ou pelos vídeo-poemas, recomenda-se que assistam um pouco depois, deixando passar alguns dias para se autoavaliarem considerando os objetivos previstos para a atividade: cuidado com aspectos específicos que envolvem a leitura em voz alta, adequação da trilha sonora ou das imagens, interação e recepção do público (no caso da apresentação presencial).

## ATIVIDADE 3: CRIAÇÃO DE UM INVENTÁRIO DE COISAS ÚTEIS À POESIA (OFICINA DE ESCRITA POÉTICA)

### PRÉ-LEITURA E PRÉ-ESCRITA

Em entrevista, o autor Eucanaã Ferraz manifesta seu desejo de que os leitores de *Cada coisa* criem os próprios inventários pessoais: “Eu adoraria que os poemas de *Cada coisa* despertassem nos meus leitores — e nos seus professores, amigos, fami-

---

do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 161).

liares — o exercício da escrita em torno das mesmas e de outras coisas” (EUCANAÃ FERRAZ, 2016).

Certamente, há objetos retratados nos poemas do livro que são familiares a boa parte dos estudantes; outros, nem tanto. Um primeiro movimento nesse sentido pode ser propor que listem os objetos conhecidos e desconhecidos, incluindo uma terceira lista: os objetos cotidianos que poderiam fazer parte de um segundo volume do livro ou do inventário pessoal de cada estudante.

Compartilhar os registros coletivamente permitirá observar semelhanças e diferenças nos repertórios e nas preferências da turma. A partir disso, passarão, então, à escolha dos objetos que vão compor o “Inventário de coisas úteis à poesia”, para uma breve homenagem ao poeta Manoel de Barros, que tão bem as inventariou em sua obra poética.

Para uma leitura da obra poética de Manoel de Barros com vistas a conhecer seu inventário poético, sugerimos a leitura de *Matéria de poesia* (1970) e *O livro das ignoranças* (1993).

Recomenda-se que a produção dos poemas seja individual, ainda que dois ou mais estudantes tenham escolhido um mesmo objeto. Isso porque a escrita poética pode ser pouco familiar para alguns deles, que provavelmente partirão de suas referências e de seus repertórios poéticos, compondo a partir de estilos pessoais que nem sempre dialogam bem nas propostas de escrita em parceria.

## LEITURA E ESCRITA

Exercitar a criação de poemas é uma proposta contemplada na BNCC, sobretudo em habilidades como a EF67LP31\*, que prevê a criação de poemas compostos de versos livres e de forma fixa, além de poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal. No livro *Cada coisa* há textos cuja estrutura facilita o “decalque” (escrita que mantém a lógica formal do texto, alterando-se seu conteúdo).

\* (EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros (BRASIL, 2018, p. 171).

Por isso, sugere-se uma pré-seleção, feita pelo professor, de alguns textos de *Cada coisa* mais favoráveis ao exercício da escrita poética, inspirando os estudantes na escolha da estrutura mais adequada ao objeto/coisa selecionado.

Podemos considerar poemas com estrutura fixa no livro:

- os curtinhos, que se assemelham às adivinhas: “Grampo de cabelo” (p. 65), “Máquina fotográfica” (p. 78), “Óculos” (p. 90), “Ovo” (p. 93) e “Relógio” (p. 105);
- os que são compostos a partir de repetições, seja de um mesmo verso muitas vezes ao longo do poema, seja de uma construção frasal no início dos versos ou seja da estrutura das estrofes: “Bola” (p. 21), “Caderno” (p. 30), “Certas coisas” (p. 35), “Coisas novas” (p. 45), “Joia” (p. 69), “Mil coisas” (p. 83) e “Rede” (p. 102);
- os poemas visuais, cuja diagramação do título ou do texto na página assemelha-se ou inclui o objeto apresentado: “Botão” (p. 23), “Canivete suíço” (p. 32), “Canudo” (p. 33), “Chave” (p. 38), “Espelho” (p. 52), “Faca” (p. 54-55) e “Fósforos” (p. 60-61).

Analisar qual estrutura textual é mais adequada a cada objeto escolhido pelos estudantes pode ser um bom exercício semântico para pensar nos significados múltiplos das palavras nos poemas, assim como para retomar a relação entre texto e imagem, já indicada em atividade anterior.

## **PÓS-LEITURA E PÓS-ESCRITA**

O “Inventário de coisas úteis à poesia” reunirá os poemas produzidos durante a oficina de escrita e pode tomar a forma de um inventário concreto, com exposição dos objetos ao lado dos poemas, ou de um inventário virtual, com fotografias dos objetos acompanhando os poemas. Os poemas de Eucanaã que inspiraram a escrita são um acréscimo interessante também.

Pode-se convidar o público ou os próprios estudantes da turma a deixarem comentários apreciativos nos poemas criados pelos colegas. É importante evitar as expressões lacônicas “gostei”, “adorei”, e para isso o professor pode estimular comentários críticos pautados na escolha dos procedimentos de escrita adotados em cada um dos textos.



## Possibilidades interdisciplinares

Boa parte das atividades propostas anteriormente podem contar com a participação do professor de Arte em várias situações. No “Inventário de coisas úteis à poesia”, a ser produzido coletivamente com os poemas individuais, o apoio desse profissional será valioso para providenciar as fotografias, a diagramação e a capa do livro, por exemplo. Da mesma maneira, durante a oficina de escrita poética, o professor de Arte pode dar apoio na busca de imagens para compor as colagens que ilustrarão os textos criados pelos estudantes (montagens com fotografias, desenhos, recortes de revista e ilustrações).

No caso da leitura em voz alta dos poemas, seja para a criação de *podcasts* ou de curtas-metragens, o trabalho com o professor de Arte ajudará na criação das trilhas sonoras e cenários. Caso haja profissionais da escola responsáveis pelos recursos de tecnologia audiovisual, recomenda-se solicitar apoio deles também.

Em todos os casos, as linguagens artísticas e os recursos tecnológicos precisam dialogar com a poesia. Seja a música, o vídeo ou as artes visuais, a poeticidade dos textos a serem apreciados é o foco central, buscando-se coerência com a proposta de fruição estética predominante nas atividades sugeridas. Essa relação entre as várias linguagens artísticas (literatura e artes visuais, por exemplo) está prevista na BNCC, como atesta a segunda competência específica de Arte para o Ensino Fundamental\*.

Os poemas “Caderno” e “Livro” podem ser especialmente inspiradores para o trabalho com o componente curricular Arte, uma vez que fazem menção direta aos suportes que recebem os poemas e as imagens, assim como a suas características e peculiaridades.

A área de Ciências da Natureza também encontra possibilidades de diálogo com alguns poemas, como é o caso dos textos “Espelho” (p. 52), “Lâmpada” (p. 71) e “Máquina fotográfica” (p. 78), que exploram conceitos do campo da ótica (Física), e dos poemas “Gaiola” (p. 63) e “Lata de sardinhas” (p. 75), que exploram questões voltadas à preservação do meio ambiente, sobretudo com relação aos animais.

\* 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações (BRASIL, 2018, p. 198).

Neste último caso, podem-se estabelecer relações com a habilidade EF07CI08\*, que faz menção aos impactos provocados por mudanças nos componentes de um ecossistema.

É fundamental, no entanto, que a leitura livre dos poemas, sem vínculo com os conceitos específicos de outras áreas do conhecimento, anteceda a releitura direcionada nas aulas desses componentes curriculares, o que pode ampliar a percepção crítica dos estudantes.

## Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.** São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BARROS, Manoel. **Matéria de poesia.** São Paulo: Alfaguara, 2019.

Obra em que o autor fala de seu fazer poético através da poesia em si, trabalhando a metalinguagem com maestria e desafiando convenções do gênero.

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças.** São Paulo: Alfaguara, 2016.

Obra na qual Manoel de Barros discorre sobre elementos naturais, especialmente do Pantanal, onde foi criado.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 8 jun. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos.** Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: [https://bit.ly/TCT\\_BNCC](https://bit.ly/TCT_BNCC). Acesso em: 12 jul. 2022.

\* (EF07CI08) Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração etc. (BRASIL, 2018, p. 347).

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

COISANDO. Prisma Literário. Curadoria: Selma Caetano. Direção: Joel Pizzini. Instituto CPFL/ Prêmio Oceanos. s. d. Disponível em: <https://bit.ly/coisando>. Acesso em: 9 ago. 2022.

Eucanaã Ferraz fala sobre poesia e discorre sobre o significado lúdico de diversos objetos cotidianos, que costumam passar despercebidos.

ENTREVISTA com Eucanaã Ferraz. **Saraiva Conteúdo**. São Paulo, 1 fev. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/EntrevistaEucanaa>. Acesso em: 9 ago. 2022.

O escritor conta um pouco sobre sua poesia, em especial sobre as obras para crianças.

EUCANAÃ FERRAZ mira a Pedagogia do olhar. **Blog das Letrinhas**. São Paulo, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/PedagogiaOlhar>. Acesso em: 6 ago. 2022.

Uma conversa em que Eucanaã Ferraz fala sobre a experiência da linguagem e o que o influenciou na criação de *Cada coisa*.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: [https://bit.ly/notas\\_experiencia](https://bit.ly/notas_experiencia). Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

O poeta e crítico literário mexicano analisa os elementos fundantes da linguagem poética, como ritmo e imagem, além de discorrer poética e filosoficamente sobre os conceitos de poesia, poema e poeta.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O poeta, ensaísta e tradutor Décio Pignatari apresenta as especificidades da linguagem poética, definindo seus elementos fundantes, como o ritmo, do

ponto de vista semiótico. Dedicar-se, ainda, à análise das características da poesia não verbal, da qual foi não apenas estudioso, mas também criador.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução: Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2009.

Um dos mais importantes poetas de língua inglesa discute, neste livro, a natureza e o significado da literatura, com especial atenção para a linguagem poética e para o desenvolvimento da leitura crítica. O livro tem uma apresentação do poeta Augusto de Campos e uma miniantologia do que o autor considera “poetas essenciais”, de Homero a Rimbaud.